

Elogio do saber

Estou aqui em um momento único em que a evidência de minhas palavras quase acaba por torná-las dispensáveis. Mas o óbvio, exatamente por estar tão à mão, algumas vezes não se desvela a todos. Ademais, desde há muito, aprendemos com nosso mestre a respeitar os ritos. A necessidade destes, se quisermos remontar ao pensamento mítico, nos possibilita a passagem para um estágio novo do existir. E esse pequeno testemunho a isto se propõe.

A praticar uma longa tradição conimbricense, preparamos esse breve escrito, como forma de homenagem e marco acadêmico de nosso mestre José Carlos Henriques.

Poderia destacar o mérito acadêmico e informar da trajetória intelectual de nosso mestre, que se distingue - das rasas formações tecnicistas desse momento “líquido” em que nos colocamos - por uma forma de pensar fundamentadamente clássica, tornando cada reflexão uma possibilidade de criação. No entanto, como acima já havia dito, é por demais óbvio para termos que dizê-la, “quem sabe, não fala.”

Assim, a forma que encontramos para realizar esse que intitulei “*Elogio do saber*” é tentar tratá-lo à mesma altura.

O existir autêntico é a forma mais bem conseguida de realização do *dasein* heideggeriano e em momentos como os que atravessamos, tarefa árdua é a da construção de um projeto autêntico de si, que não caia no *falatar inautêntico*, massificado, em que a maioria se coloca passivamente.

Entender a existência, questioná-la e portanto, transcendê-la, é a forma como alguns poucos homens decoram seu caminho. É o caso de nosso professor José Carlos Henriques, que, desde sempre, a cada encontro, não nos cansa de mostrar a grandeza do existir humano, seja com perguntas e questionamentos - típicos de um filósofo - mas, muitas das vezes, de maneira ainda mais profunda, com um olhar silencioso e indagador., “a dúvida seria «mesmo» o preço da pureza.”

Portanto, e seguindo a senda heideggeriana, entendemos com a vivência partilhada com o professor José Carlos o que aquele filósofo quis dizer com a necessária existência do homem com o outro, ora, se “fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas”, também sempre resta um tanto a mais de vida e conhecimento a cada um que partilha essa tarefa do existir com nosso mestre.

Por certo, acabo de dizer coisas evidentes e comuns a todos, no entanto, peço licença, para, a rumar para o fim desta fala, dizer publicamente da honra que me é concedida sempre que me perguntam sobre a origem de meus interesses intelectuais. Conto a todos, com o mesmo entusiasmo da aurora de nosso primeiro encontro, um encontro inicial e novador, que me traz à mente agora, a figura da criança, para lembrar as fases nietzschianas do homem.

Encontro vespertino, ocorrido quando ainda era estudante de Direito em Conselheiro Lafaiete, e onde, com meu então orientador, discuti pela primeira vez a respeito do pensamento de Aristóteles, ao qual, justamente, lanço mão para dizer da amizade:

“Deveríamos concluir então que, assim como para os amantes a visão do ser amado é a coisa que maior prazer lhes causa, e preferem esse sentido aos outros porque é nele que reside tanto a existência como a origem do amor, também para os amigos a mais desejável de todas as coisas é a convivência?
ARISTÓTELES (Ética a Nicômaco, IX, 1171b – 1172a)

Posso lhes dizer que concordo com o filósofo de estagira e no encontro com meu professor e amigo José Carlos, está a origem de qualquer coisa que pensei academicamente desde o momento que nos conhecemos.

A *phylia* grega que nos uniu, agora me permite, com este rito, anunciar sua passagem de estágio - acadêmico e pessoal - de nosso comum professor: sai da cena comum dos que precisam ter suas histórias escritas e contadas por outros, e entra para um *locus* autêntico de construção do seu projeto.

O lançamento de um livro, assim como o nascimento de um filho, é uma forma de diladiarmos com o tempo, na tentativa de superação trágica da finitude humana. Com esta obra, além de despontar como pensador que a todos nos brinda com seus ensinamentos, arquiva com palavras sua forma privilegiada de mirar o horizonte e por isso mesmo colocar-se além do tempo, superando-o, portanto.

Tenho para mim, que esses dizeres que aqui proclamo, são sentimentos de todos que aqui se encontram, ora, são também partícipes da vivência comum com nosso professor. Contudo, coube a mim fazer eco daquilo que paira pelos locais em que nosso professor frequenta: a sensação de uma existência deveras autêntica, um olhar incansavelmente inquisidor e uma forma “levinasiana” de se portar perante o outro; isto tudo a nos legitimar estas palavras e dizê-lo nosso mestre de sempre, que passa a um estágio imortal pela influência naqueles que o rodeiam, pelo exemplo que é a construção mesma do seu existir, pelo seu elogio do saber.

Bernardo G.B. Nogueira
Itabirito – outono – 2011.